

NOTAS

Abreviações e símbolos usados neste trabalho

1. *Aurélio: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2a. edição;
2. *Folha: Folha de São Paulo*;
3. *J.B.: Jornal do Brasil*;
4. *Formulário Ortográfico: Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, 1943;
5. A: adjetivo;
6. DM: determinado;
7. DT: determinante;
8. NUM: numeral;
9. S: substantivo;
10. V: verbo;
11. ˘: acento principal (*criado-múdo*);
12. ˘˘: acento secundário (*criado-múdo*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASILIO, M. (1987). *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- BAUER, L. (1983). *English word-formation*. Cambridge: University Press.
- FLEISCHER, W. (1982). *Formação de Palavras no Alemão Contemporâneo*. Tübingen: Max Niemeyer.
- GAUGER, H-M, (1971). Determinado e Determinante na Palavra Derivada? IN: Brekle, H. & Lipka, L. (eds.). *Formação de Palavras, Sintaxe e Morfologia* (93-108). Paris: The Hague.
- MATTHEWS, P.H. (1982). *Morphology - An introduction to the theory of word-structure*. Cambridge: University Press.
- ROHRER, C. (1967). *A Composição no Francês Moderno*. Tübingen: Walter Betz.

A QUANTIFICAÇÃO NA ANÁLISE DO DISCURSO:
QUANTIDADE EQUIVALE A QUALIDADE? *

Freda INDURSKY (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

ABSTRACT: The theoretical course of labovian sociolinguistics is examined to verify whether its assumptions are compatible to discourse analysis. As the basis of this critical review of quantitative paradigm, an analysis focussing on the passive construction is undertaken. The results obtained provide evidence of a distinction among determined, implicit and indetermined agentive constituents, attesting differences between the way linguistic and discourse levels operate.

1. Introdução

O presente trabalho toma como objeto de análise o relatório elaborado pelo Dr. Henrique Walter Pinotti, chefe da equipe médica que assistiu o Presidente Tancredo Neves, publicado pelo jornal O Estado de São Paulo, em 18 de abril de 1985. O Relatório Pinotti será examinado a partir da quantificação das construções passivas que nele ocorrem, buscando-se verificar a tipologia dessa construção, sua frequência e distribuição no texto. É intuito desse estudo, e em função dos resultados obtidos, discutir os pressupostos da Sociolinguística, a fim de estabelecer as possibilidades e os limites de uma análise de discurso sob tal enfoque.

2. O problema

A intenção de realizar uma análise de discurso

com os pressupostos de outra área provocou um questionamento inevitável - será possível submeter um discurso a uma análise sociolinguística? - o qual, por sua vez, determinou a procura de experiências similares. Tal fato conduziu à leitura de um trabalho de Labov (1972a), onde o autor analisa a estrutura de narrativas de experiências pessoais de jovens negros de Nova York para estabelecer uma sintaxe narrativa. Não é intenção examinar profundamente esse modelo, nem adotá-lo. Dele será destacada unicamente a etapa de avaliação, momento em que o narrador suspende seu fluxo narrativo para indicar o ponto central da narrativa (the point). O autor considera as marcas linguísticas decisivas para instaurar a avaliação e indicar as razões que determinaram a narração.

Entretanto, ao mesmo tempo que Labov aponta para a possibilidade de estabelecer tais relações, procura preservar-se, afirmando que:

"The examples we have cited... illustrate, but do not prove, this association between syntactic complexity and evaluation" (Labov, 1972a, p.392).

É hipótese deste trabalho que a construção passiva sugere o "point" do Relatório Pinotti, pois, ao apresentar-se com ou sem agente, indica diferentes funcionamentos da linguagem. No entanto, este "point" não é dado automaticamente, necessitando ser interpretado à luz de variáveis não-linguísticas. Ao mesmo tempo, deve-se salientar que a presente análise se distingue da queela realizada por Labov, por incidir sobre um único texto, o qual não equivale a uma narrativa de experiência pessoal.

Antes de proceder a estas análises, contudo, faz-se necessário revisar a trajetória da Sociolinguística e examinar seus pressupostos para estabelecer os limites teóricos do presente estudo.

3. Da Sociolinguística à Teoria da Variação

Em sua dissertação de mestrado, publicada inicialmente em 1963, Labov (1972b) apresenta os pressupostos da Sociolinguística, tal como a concebia então. Nessa fase, padrões linguísticos complexos relacionam-se com as diferenças paralelas existentes na estrutura social. Essa relação possibilita isolar os fatores sociais que interferem diretamente no processo linguístico. Dito de outra forma: a linguagem está constantemente sob o efeito de pressões sociais, as quais se configuram em prováveis agentes de mudança. Labov estudou a variação articulatória dos ditongos [ay] e [aw] nos diferentes grupos que constituem a comunidade linguística da Ilha de Martha Vineyard, Massachusetts, buscando estabelecer quais os padrões sociais determinantes da mudança linguística constatada.

São três os grupos que constituem a comunidade da referida ilha, a saber: (1) descendentes de ingleses (yankees); (2) descendentes de portugueses e (3) descendentes dos índios Gay Head. Cada um desses grupos enfrentava diferentes pressões sociais. Para uma parcela dos descendentes de ingleses, a invasão de "estrangeiros" de que a ilha era vítima, durante o verão, representava um atentado a sua identidade social. Necessitando opor-se aos veranistas, os yankees desenvolveram uma forma de resistência linguística, passando a centralizar a articulação dos ditongos [ay] e [aw]. Já a segunda parcela deste mesmo grupo étnico recebia com entusiasmo os veranistas, pois estes representavam melhoria econômica para a ilha. Visando manifestar sua simpatia e aceitação, passaram a neutralizar a centralização dos referidos ditongos praticada pela parcela descontente dos yankees.

As diferenças fonéticas existentes entre esses dois subgrupos tornaram-se cada vez mais profundas, indicadoras que eram da luta empreendida pelo primeiro subgrupo em defesa de sua identidade.

O segundo grupo observado, a terceira geração de descendência portuguesa, encontrava-se em plena ascensão econômica, tendo-se verificado que seus membros apresentavam um elevado grau de centralização dos referidos ditongos. Labov interpretou essa marca lingüística como indicadora de que os falantes desse grupo procuravam identificar-se com sua nova terra: adotando uma articulação centralizada, pretendiam representar-se como idênticos aos yankees e como tal por eles serem considerados.

O terceiro grupo, descendente dos Gay Head, também centralizava os ditongos. Assim procedendo, lutavam por seus direitos à ilha: se centralizar, para os yankees, significava representar-se como nativos, para os Gay Head significava representar-se como aqueles a quem a ilha, de fato, pertence.

Dessa forma, os três grupos sociais observados, por razões diversas, apresentavam uma mesma articulação centralizada, impregnada de afetividade social, a qual se opunha a uma articulação que neutralizava as diferenças entre ilhéus e veranistas.

Desse breve relato, percebe-se que os fatores sociais considerados, de caráter eminentemente ideológico, apontam na direção de conflitos que determinam a constituição de variáveis sociolingüísticas. No entanto, ao final de seu texto, o autor frisa que seu trabalho apresenta uma séria limitação: "a variável selecionada não é saliente" (Labov, 1972b, p. 40). A isto acrescenta outro problema: a pequena população da ilha impossibilita aprofundar o estudo dessa realização fonética. Estas restrições fazem com que o método de amostragem por ele utilizado não seja rigoroso. E acrescenta em nota de rodapé, que:

"The problem of sampling technique for linguistic variables is a difficult one at the moment. While we are sure that linguistic behavior is more general than the behavior

usually traced by survey method we do not know how much more general it is, nor can we estimate easily how we may relax the sampling requirements, if at all" (Labov, 1972b, p. 41).

A partir desses comentários, percebe-se que Labov, ao mesmo tempo que realiza um trabalho assumidamente ideológico, já ensaia um recuo ao dizer que a variável considerada não é saliente. Ou seja, sua preocupação com a quantificação, mesmo que embrionariamente, já se faz presente.

Publicado na mesma obra (1972b), encontramos outro trabalho de Labov que data de 1966, no qual analisa a presença ou ausência de [r] na posição posvocálica (ex: car, fourth). A escolha dessa variável deve-se ao fato de ela ser sensível à estratificação social ou estilística, revelando-se um diferenciador social em todos os níveis de fala de Nova York. Para o desenvolvimento desse estudo, Labov realizou entrevistas anônimas em três lojas de departamentos de Nova York, tendo formulado as seguintes hipóteses de trabalho: as vendedoras da loja Saks, casa de alto padrão, apresentariam um índice elevado na produção da variável observada; as vendedoras de Macy's, loja de padrão médio, apresentariam uma produção intermediária; já as vendedoras da Klein, loja de padrão popular, apresentariam o menor percentual na produção da referida variável. Suas hipóteses foram totalmente confirmadas. Observando suas tabelas, verifica-se que as variáveis sociais consideradas foram do tipo estratificável: idade, cor, ocupação dos funcionários.

Comparando-se estes dois trabalhos de Labov, percebe-se que este último ganha em consistência de dados, superando o limite anteriormente apontado por Labov: o autor trabalha, agora, com variáveis lingüísticas numericamente significativas, as quais estão relacionadas com variáveis não-lingüísticas passíveis de estratificação e, conseqüentemente, também quantificáveis, resul

tando daí um trabalho muito mais categórico. Ao mesmo tempo, estes dados passam a ser representados através de tabelas e gráficos, para salientar eficientemente os resultados numéricos obtidos.

Esses dois trabalhos ilustram, embora com diferenças consideráveis, a forma laboviana inicial de tratar a variação lingüística: o autor seleciona um determinado número de variáveis não-lingüísticas que podem influenciar a fala de determinados grupos, resultando em diferentes configurações de fala. Assim, a estrutura social está refletida na percepção lingüística, havendo uma relação estatisticamente significativa entre o uso que os falantes fazem da linguagem e a estrutura social em que estes estão inseridos.

A partir de 1969, o pensamento de Labov começa a tomar um contorno um pouco diferente, ao afirmar que:

"any variable form (a member of a set of alternative ways of saying the same thing) should be reported with the proportion of cases in which the form did occur in the relevant environment, compared to the total number of cases in which it might have occurred" (Labov, 1969, p. 738).

Como é possível observar, o pensamento laboviano sofreu um deslocamento. O autor não mais se preocupa em relacionar a estrutura social com o uso que os falantes fazem da língua. Como centro de sua reflexão, estabelece que o fenômeno em variação deve ser abordado estatisticamente.

É nessa fase que Cedergren, H.-Sankoff, D. (1974) fazem uma importante contribuição, adaptando a proposta laboviana de 69 para um programa computacional. Os autores modificaram a noção de competência formulada por Labov, introduzindo regras probabilísticas no lugar dos cálculos de frequência. Para tanto, conceberam uma fórmula para calcular as restrições variacionais e verificar a probabilidade de aplicação da regra. Segun

do Labov, Cedergren-Sankoff, D. "subject the basic hypothesis of the independence of the variable constraints to quantitative tests, predicting empirical tables of frequencies with a small number of parameters" (Labov, 1972c, p. 85). Através dessa fórmula, pesos são atribuídos às variáveis lingüísticas coletadas, dando margem a um cálculo estatístico que possibilita selecionar as variáveis lingüísticas a serem analisadas. Esse modelo, afirma Labov, "provides the first empirical demonstration than a complex rule schema is based on linguistic reality..." (Labov, 1972c, p. 85).

A partir desse programa, os estudos de Sociolinguística passaram a dele depender para o estabelecimento da variável a ser estudada, pois raramente é dado ao pesquisador saber antecipadamente quais serão as variáveis que deverá considerar em seu trabalho.

O tratamento quantitativo dispensado ao fenômeno da variação aproxima-o muito da invariância: "our primary task as linguists is to search for invariance" (Labov, 1972c, p. 85). Essa idéia vai se tornando cada vez mais radical na obra laboviana, afastando-o definitivamente de seu trabalho inicial: "Quantitative synthesis, which follows measurement, can give us the objective justification we need; we can show that our rule synthesis is a property of the data it self, and not the results of habit, ideology, or speculative assumptions about the human brain" (Labov, 1975, p. 196).

Assim, da abordagem estatística, proposta em 1969, Labov evoluiu, sob influência de Cedergren-Sankoff, D., tornando-se um defensor do paradigma quantitativo, o qual adotou.

Em 1977, Weiner e Labov fazem um estudo quantitativo para verificar quais os fatores que determinam a escolha entre construções ativas e passivas e concluem que, na fala espontânea, tais construções - passiva sem agente e ativa com pronome sujeito genérico - são equivalentes, ou seja, dotadas do mesmo significado, do ponto de vista veridictório de um estado de coisas

no mundo. Não sendo indicadoras de diferentes posições dos falantes, são variáveis de caráter interno, refletindo fatores estritamente sintáticos.

A propósito desse trabalho, Lavandera (1977) observa que em Labov (1972b, p.271) "social and stylistic variation presuppose the option of saying the same thing in several different ways: that is, the variants are identical in reference or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance", enquanto Labov e Weiner afirmam o oposto.

Ao afirmar que diferentes formas lingüísticas são socialmente irrelevantes e semanticamente equivalentes, Labov está reformulando radicalmente os pressupostos que sustentam seu trabalho: a crença de que o estudo da variação pode detectar empiricamente a mudança em seu desenvolvimento, sendo ela explicada em termos sociais, cede lugar, na segunda fase, a considerações estritamente internas, passíveis de serem quantificadas, com o intuito de obter explicações sobre o funcionamento da gramática com vistas a formulações de regras gerais sobre este mesmo funcionamento: "Powerful methods of proof proceed from quantitative studies, and this fact is itself a significant datum for finding out about grammar". (Labov, 1978, p.12)

Os pressupostos da fase quantitativa são tão categóricos que entram em conflito com o trabalho desenvolvido por Labov na Ilha de Martha Vineyard, pois a variável, no modelo quantitativo, já possui, de certa forma, alto grau de homogeneidade e determinação (Labov, 1975:196). É uma variável dotada de tais características apresenta-se bem mais próxima da constante. Segundo Romaine (1982, p.276), Labov "passes from n as a measure of some property (p) to the belief that n itself is the phenomenon; and p is eliminated from the system of concepts".

Observando seu percurso teórico, verifica-se que Labov, ao abandonar o estudo da variação como índice de mudança lingüística relacionada à estrutura social, deixou de acompanhar o processo para fixar-se no estudo das regras variacionais (Labov, 1975:42) que exami-

nam o produto resultante da variação (Labov, 1978:12-13), privilegiando a Teoria da Variação e da Mudança Lingüística (Lavandera, 1984:13).

4. Análise quantitativa dos dados

Ao principiar esta seção, vale lembrar a pergunta formulada no início da Seção 2: é possível realizar uma análise sociolingüística de discurso?

Esta seção e a seguinte destinam-se a responder a essa indagação, mas, desde já, pode-se avançar que é possível abordar um discurso do ponto de vista da Sociolingüística, desde que sejam consideradas tanto as variáveis lingüísticas, quanto as não-lingüísticas, sem preocupar-se em verificar se estas últimas são estratificáveis ou não. Busca-se detectar a relação que se estabelece entre elas. É possível, igualmente, submeter um discurso a uma análise quantitativa. No entanto, a quantificação não visa a selecionar a variável frequente, em detrimento à variável pouco expressiva. Ao contrário. O analista de discurso procura localizar as variáveis indicadoras de um processo discursivo para iniciar sua investigação sobre a base lingüística. Somente após determinar seu foco de análise é que o analista, se assim o desejar, poderá quantificar seus dados.

A presente seção ilustra essa possibilidade, pois chama a atenção, no Relatório Pinotti, o uso saliente da construção passiva (42 ocorrências de passivas verbais e 7 de passivas nominais). Num primeiro momento, examinou-se o funcionamento lingüístico dessas construções para estabelecer sua tipologia e quantificar os resultados que estão expressos na Tabela 1.

TIPO DE PASSIVA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Passiva com agente	9	21,42
Passiva sem agente	33	78,57
TOTAL	42	99,99

TABELA 1.

Examinando a Tabela 1, verifica-se que as passivas sem agente são muito mais numerosas, se comparadas às ocorrências de passiva sem agente.

Saliente-se que, no âmbito do enunciado, um constituinte agentivo de construção passiva não estando explicitado, está indeterminado. No nível textual, entretanto, a indeterminação funciona diferentemente, pois, por vezes, o cotexto pode explicitar o elemento elidido no enunciado. Entende-se por cotexto as relações não lineares que se estabelecem entre os diferentes enunciados do texto. Tais relações "vão além das relações anafóricas entre sentenças e das relações de correferência entre proposições. Elas reconstróem a coerência e a coesão dos textos como um macro-sistema gramatical que habilita [...] o leitor para descobrir a significância dessas macro-unidades [...] O co-texto funciona aqui como um contexto de descodificação" (Parret, 1984, p.40).

Analisando o Relatório Pinotti sob esse enfoque, observa-se que grande parte dos agentes classificados como indeterminados, ao nível da sentença, estão de fato, implícitos no contexto e podem ser, através dele, recuperados. Tal fato desencadeou um novo exame do funcionamento das passivas sem agente, ao nível textual, para verificar a capacidade do cotexto em determinar o agente que, ao nível do enunciado, é indeterminado. Esses resultados estão expostos na Tabela 2.

TIPOLOGIA DO AGENTE DA PASSIVA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Passiva com agente implícito	29	87,87
Passiva com agente indeterminado	4	12,12
TOTAL	33	99,99

TABELA 2.

Comparando-se as Tabelas 1 e 2, o que parecia uma grande saliência, ao nível do enunciado, fica quase anulado à luz do cotexto: as 33 ocorrências de passiva com agente indeterminado, ao nível do enunciado, reduzem-se a 4, ao nível textual.

Antes de prosseguir, apresentar-se-á uma descrição da tipologia dos constituintes aqui examinados. Entende-se que o agente é explícito, quando este constituinte está *expresso no enunciado*. O agente é implícito quando o constituinte está *elidido no enunciado, mas pode ser explicitado através do cotexto*. O agente é indeter-

minado quando o constituinte *está elidido no enunciado e o cotexto não oferece elementos para sua explicitação*. Ou seja, quando a unidade de trabalho é o texto, a implícitação é da ordem do cotexto e a indeterminação é da ordem do contexto (não-lingüístico).

Em trabalho anterior¹, ao estudar o funcionamento discursivo do Relatório Pinotti, a construção passiva foi uma das marcas lingüísticas que concorreu para tal exame. Por essa razão, foram retomados os recortes operados no texto, para verificar a distribuição tipológica dos constituintes agentivos por recorte. Os resultados estão na Tabela 3.

DISTRIBUIÇÃO DAS PASSIVAS POR RECORTE	RECORTE Nº 1		RECORTE Nº 2		RECORTE Nº 3	
	Nº DE OCOR.	%	Nº DE OCOR.	%	Nº DE OCOR.	%
Passiva com agente explícito	7	16,66	2	4,76	0	0
Passiva com agente implícito	23	54,76	3	7,14	3	7,14
Passiva com agente indeterminado	0	0	4	9,52	0	0
UNT. - 42 199,98	30	71,42	9	21,42	3	7,14

TABELA 3.

A Tabela 3, ao evidenciar o tipo de constituinte agentivo que ocorre em cada recorte, sinaliza que a passiva apresenta um funcionamento diverso em cada um deles: o primeiro recorte está inscrito no modo da explicitação e da implícitação e o segundo é marcado pelo modo da implícitação e da indeterminação².

O texto em análise também registra construções passivas nominais. Buscou-se verificar como a função agente se apresenta nessas construções, bem como a sua distribuição nos diferentes recortes. Esses dados estão expressos na Tabela 4.

TIPOS E DISTRIBUIÇÕES DAS NOMINALIZAÇÕES	NÚMERO DAS OCORRÊNCIAS	%
Com agente detematizado e implícito (Rec. nº1)	6	85,71
Com agente detematizado e indeterminado (Rec. nº2)	1	14,28
TOTAL	7	99,99

TABELA 4

O número de construções passivas nominais não é muito expressivo. No entanto, somando-se ao número bastante elevado de construções passivas verbais, chega-se a um universo de 49 construções passivas. Observe-se, igualmente, que o funcionamento discursivo das passivas nominais não difere daquele das passivas verbais. Para tanto, basta comparar os dados das Tabelas 3 e 4: verifica-se que o número de ocorrências de agentes implícitos é saliente nos dois casos e igualmente concentrados no mesmo recorte, enquanto o número de ocorrências de agentes indeterminados continua baixo e marcando o recorte nº 2.

Em função dos dados obtidos nas diferentes tabelas, fazem-se necessários alguns comentários. Em um trabalho quantitativo, este tratamento determinaria a exclusiva consideração das variáveis mais frequentes. No entanto, no discurso não são apenas os dados predominantes que devem ser examinados. Ao contrário. Dados numericamente pouco expressivos não podem ser desqualificados: precisam ser interpretados para verificar qual o efeito de sentido que produzem no discurso.

Vale lembrar Lavandera (1984) que, em seu trabalho sobre "Tensão entre o impessoal e o pessoal na organização do discurso", declara que "un único ejemplo expresivamente eficaz de una forma lingüística que encuentra su lugar significativo en la configuración particular del texto en que aparece, puede revelar más acerca de la contribución semántica que esta forma es potencialmente capaz de hacer al discurso y acerca del sistema a que pertenece, que la descripción de los contextos en que la misma forma resulta más frecuente y, por ende, está menos marcada" (Lavandera, 1984, p. 102).

Tomem-se as Tabelas 3 e 4 para ilustrar essa postura. De seu exame, evidencia-se que a passiva com agente indeterminado tem uma frequência muito baixa e que há apenas uma única ocorrência de passiva nominal com agente indeterminado (Tabela 4). No entanto, embora poucos numerosos, esses casos de indeterminação foram fundamentais para distinguir os recortes 1 e 2: enquanto o primeiro está marcado, sobretudo, pela implicação, o segundo se inscreve no modo da indeterminação. Decorre daí que dados numéricos pouco expressivos são considerados toda vez que puderem revelar algo sobre o funcionamento do discurso em análise.

A presente seção ocupou-se unicamente das variáveis lingüísticas consideradas, a saber, a construção passiva, sua tipologia, a tipologia de seus constituintes agentivos bem como sua distribuição nos diferentes recortes que organizam o Relatório Pinotti. As tabelas elaboradas demonstram quantitativamente estas tipologias e sua distribuição, indicando a existência de um funcionamento discursivo diverso nos dois primeiros recortes. No entanto, estas tabelas, por si só, não têm o poder de revelar tal funcionamento: apenas o assinalam. Para verificar como este se dá, faz-se necessária uma interpretação desses dados à luz do contexto não-lingüístico. Essa será a tarefa da próxima seção.

5. Análise interpretativa dos dados

Conforme já foi registrado na seção anterior, foram mobilizados, no Relatório Pinotti, procedimentos lingüísticos que oscilam da determinação à indeterminação, passando pela implicação. Tais estratégias desencadeiam diferentes efeitos de sentido, ao nível do funcionamento discursivo.

É de salientar, inicialmente, que o agente da construção passiva aparece determinado sempre que sua explicitação não é polêmica. Tais ocorrências são raras, reduzindo-se a 9. Já a implicação de agente da passiva é a característica marcante do recorte nº 1. Obser-

ve-se (1) para examinar esse modo enunciativo:

(1) O Sr. Presidente foi internado no Instituto do Coração onde se procurou... esclarecer o preciso ponto da hemorragia (4º parágrafo).

Ao analisar (1), constata-se que os agentes omitidos podem ser facilmente recuperados através do cotexto, podendo ser localizados entre os médicos integrantes da equipe de São Paulo que se ocupou do paciente. Ou seja, os médicos diluem-se, enquanto indivíduos, para reaparecer como integrantes de uma equipe. Não interessa identificar aquele que, eventualmente, é seu agente, mero instrumentador que é. Existe, entre eles, uma perfeita intercambiabilidade. Através dessa estratégia discursiva, valorizam-se os procedimentos médicos e as decisões. Esse agente intercambiável, resultado da modalidade de implicação, determina o "point" do recorte nº1: O paciente está sendo tratado por uma equipe médica altamente qualificada e competente que domina os mais modernos recursos da tecnologia a serviço da medicina. Não importa qual seja o agente das ações médicas, pois todos os membros da equipe são igualmente competentes.

A indeterminação do agente, marca do recorte nº 2, revela um funcionamento diverso da passiva. Veja-se o exemplo (2) a seguir:

(2) Deve-se ressaltar que a história clínica correspondente à presença de infecção vem de um período que precede à primeira intervenção cirúrgica... (20º parágrafo).

O enunciado (2), cujo agente está elidido, remete a questões de natureza polifônica (Ducrot, 1987:161-218). Distingue-se aí o autor, que assina o relatório, de outras figuras enunciativas (enunciadores), cujas vozes se incorporam ao enunciado do locutor³. Assim, pode-se questionar, a partir de (2), quem está ressaltando tal fato: (1) Dr. Pinotti - que só conheceu clinicamente o paciente uma semana após seu internamento em Brasília, por ocasião da segunda cirurgia? (2) Equipe de Brasília - que realizou a primeira cirurgia e tem autoridade para opinar sobre a origem da infecção? (3) Patologistas que

examinaram o material colhido na primeira cirurgia?

Frente a estas questões, vê-se que o cotexto é insuficiente para esclarecer a respeito do agente elidido, que permanece indeterminado. Para esclarecê-las é preciso recorrer ao contexto não-lingüístico.

Observe-se igualmente (3) e (4):

(3) Não surtiu efeito a tentativa de coibir o sangramento... (4º parágrafo)

(4) Retardo na internação hospitalar (23º parágrafo)

O processo de nominalização é uma construção privilegiada para a elipse do agente: enquanto o verbo prevê essa função, cuja realização sintática é facultativa, o nome não a prevê.

Examinando (3), percebe-se que a função agente foi detematizada, mas está implicada, podendo ser recuperada através do cotexto. Já em (4), o agente foi detematizado, mas sua elisão é definitiva, pois o cotexto é insuficiente para esclarecer sobre o responsável pelo retardo na internação. Frente a (4), é possível questionar sobre o responsável: (1) o paciente - pressionado pelo contexto político? (2) seu médico - que foi conivente com o paciente? (3) a equipe de Brasília - que, sentindo-se responsabilizada, veio a público justificar-se? Para responder a tais indagações, faz-se necessário um exame do contexto não-lingüístico.

Comparando-se a implicação do agente e sua indeterminação, verifica-se que, através da implicação, omite-se uma referência recuperável através do cotexto, valorizando fatos que remetem à verdade científica. Já no que tange à indeterminação do agente, produz-se um efeito de vaguidade. A omissão, nessa segunda modalidade, ao mobilizar um procedimento de elipse discursiva, não ressalta a verdade científica, como no caso da implicação, mas promove uma lacuna que aponta para um funcionamento discursivo instaurado pelo encontro do lingüístico com o não-lingüístico: o falante se serve de tal possibilidade que a língua lhe oferece para não explicitar mais do que lhe é conveniente. Seu dizer é deliberadamente vago. (Haroche, 1984).

Parece lícito afirmar que o constituinte agentivo

indeterminado acarreta o surgimento, não de um agente único e intercambiável, como ocorre na implicitação do agente, mas projeta uma possível multiplicidade de agentes, daí decorrendo a indeterminação. Da indeterminação do constituinte agentivo decorre o "point" do recorte nº 2: nele o locutor procura estabelecer dois aspectos fundamentais: a origem da infecção e o responsável por ela. A verdade científica não representa o escopo deste recorte, pois nele não há produção de conhecimento, mas mobilização do saber médico para sustentar uma argumentação em defesa de interesses pessoais e da equipe médica. Ao locutor interessa deslocar a infecção para um momento anterior à primeira cirurgia, eximindo-se e à sua equipe de qualquer responsabilidade: precisa deixar claro que o agravamento da infecção decorre, entre outros fatores, do "retardo na internação". Não lhe interessa fixar responsabilidades, mas isentar-se das mesmas. Dessa forma, a elipse se constitui em uma lacuna necessária para que o dito fique indeterminado. Esse dizer elíptico remete ao espaço de liberdade do sujeito, seu discurso indeterminado permite-lhe dizer que não é responsável pela situação sem, no entanto, apontar para o responsável pela mesma. Decorre daí que, numericamente pouco expressiva, é essa variável que organiza o modo enunciativo desse recorte, instaurando-o na indeterminação. E esse é o "point" do recorte nº 2.

Com base nas análises precedentes, saliente-se que é fundamental para este estudo considerar o funcionamento lingüístico e discursivo do constituinte agentivo da passiva, pois sua presença ou ausência instaura modalidades diversas de funcionamento - a saber, a determinação, a implicitação e a indeterminação - e aponta para diferentes relações que o falante estabelece com a linguagem e com o funcionamento discursivo.

A implicitação e a indeterminação, constituem, na verdade, duas modalidades de elipse, de natureza diversa, que apontam para a incompletude da linguagem: a elipse lingüística e a elipse discursiva. A primeira estabelece a indeterminação ao nível do enunciado, a qual

pode ser preenchida através do contexto, remetendo para a modalidade enunciativa da implicitação, enquanto a elipse discursiva, sendo definitiva, instaura o modo da indeterminação ao nível do discurso⁴. Como se vê, esta é uma das fronteiras entre sintaxe e discurso. O funcionamento destas duas modalidades é radicalmente diverso, pois o modo da indeterminação confere ao falante a possibilidade de silenciar, de não se expor, desobrigando-se de assumir a responsabilidade pelo não-dito.

6. Considerações finais

Como pode-se depreender, ao final desse estudo, é possível analisar um discurso com pressupostos oriundos de uma Sociolingüística que vincule dados lingüísticos a fatores externos dotados de valor explicativo, sem preocupar-se em verificar se estes são estratificáveis ou não. No entanto, saliente-se que os propósitos das duas áreas divergem. Enquanto o sociolingüista pretende estabelecer diferentes configurações lingüísticas indicadoras de diferenças sociais, o analista de discurso observa o funcionamento da linguagem, seja ele estabelecido sobre o discurso de um único falante, seja ele observado a partir de vários falantes. Importa verificar como o sujeito se relaciona com a linguagem e quais os processos semânticos que se instauram a partir da prática discursiva.

Da diferença de propósitos das duas áreas decorre a forma diversa de lidar com a quantificação dos dados. Para a análise de discurso, o trabalho quantitativo é válido para organizar os dados e visualizá-los, constituindo-se em um instrumento de trabalho, sem, no entanto, ser dotado de poder decisório, já que variáveis pouco frequentes oferecem ao analista o mesmo interesse que variáveis numericamente expressivas.

Em outras palavras: dados salientes revelam a regularidade de um funcionamento discursivo, enquanto dados pouco expressivos indicam um funcionamento discursivo que, mesmo não sendo regular, está instaurado e, conse-

quentemente, participa do processo semântico do discurso. Assim sendo, não podem ser desqualificados, sob pena de desfigurar os efeitos de sentido inscritos no mesmo.

NOTAS

* Agradeço ao Prof. Dr. Fernando Tarallo a leitura atenta que fez dos originais, bem como as valiosas sugestões que apresentou. Inadequações que ainda perdurem são da exclusiva responsabilidade da autora.

1. Para realizar aquele trabalho, três recortes foram feitos no Relatório Pinotti: Recorte nº 1: Histórico da doença (2º a 15º parágrafo e 24º); Recorte nº 2: Quadro infeccioso (2º parágrafo; 17º a 23º parágrafo); Recorte nº 3: Perspectivas de cura (29º a 36º parág.)
2. A construção passiva não foi determinante para analisar o terceiro recorte.
3. Para aprofundar a polifonia instaurada no relatório Pinotti, Cf. INDURSKY, Freda. Relatório Pinotti: O Jogo polifônico das representações no ato de argumentar. IN: *História e sentido na linguagem*. Campinas, Pontes, 1989.
4. Neste ponto da reflexão, e à luz dos funcionamentos diversos aqui analisados, é possível retomar o trabalho de Weiner e Labov (1977), anteriormente analisado, onde é estabelecida equivalência entre passivas sem agente e ativas genéricas. De fato, ao nível do enunciado, as duas construções instauram a indeterminação. No entanto, através das análises produzidas na seção anterior, viu-se que o funcionamento textual da passiva anula a indeterminação do enunciado, transformando-a em implicação. Em virtude disso, são muito pouco frequentes as construções passivas sem agente que, efetivamente, instauram a indeterminação e, quando o fazem, o procedimento envolvido é o da elipse discursiva. Já a ativa genérica, ao instituir a indeterminação, o faz com base na elipse referencial. Ou seja: lingüisticamente não há lacuna, mas a forma envolvida na construção não possibilita estabelecer relação com seu referente. Dessa forma, a passiva, ao instaurar o modo da indeterminação, o faz operando uma verdadeira lacuna lingüística e discursiva: inde-

determina pelo silêncio; pelo não-dito, enquanto a ativa genérica indetermina pela vaguidade do dito, operando sobre uma indeterminação referencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CEDERGREN, H. & SANKOFF, D. (1974). Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language* 50 (2): 333-56.
- DUCROT, O. (1987). Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. IN: _____. *O dizer e o dito*. Campinas, Pontes. p. 161-218.
- HAROCHE, Cl. (1984). *Vouloir dire, faire dire*. Lille, Presses Universitaires de Lille.
- LABOV, W. (1969). Contraction, deletion and inherent variability of the English Copula. *Language* (45): 715-62.
- _____. (1972a). *Language in the inner city*. Philadelphia University Press of Philadelphia.
- _____. (1972b). The social motivation of a sound change. In: *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia University Press of Pennsylvania. (Publicação inicial in *World*, (19): 273-309, 1963).
- _____. (1972b). The social stratification of [r] in New York City department stores. In _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University Press of Pennsylvania.
- _____. (1972c). *Where do grammars stop?* Monograph series on language and linguistics, Georgetown University, (25), (23rd Annual Round Table: Sociolinguistics current trends and prospects).
- _____. (1975). What is a linguistic fact? In: AUSTERLITZ, R. (org). *The scope of american linguistics*. Lisse, Netherlands, The Peter de Ridder Press, p. 159-96.
- _____. (1978). *Where does the linguistic variable stop?* A response to Beatriz Lavandera. Texas, Southwest Educational Development Laboratory, sociolinguistic working paper (44): 1-16.

LAVANDERA, Beatriz (1977). *Where does the sociolinguistic variable stop?* Chicago, Linguistic Society of America Annual Meeting.

_____. (1984). *Variación y significado*. Buenos Aires, Hachette.

PARRET, H. (1984). Pragmática. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (7):39-51, UNICAMP, IEL.

ROMAINE, S. (1982). *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge, Cambridge University Press.

WEINER, J. & LABOV, W. (1983) Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, (19): 29-58, Cambridge University Press.

ANEXO DO TRABALHO

Esta é a íntegra do relatório apresentado ontem pelo dr. Henrique Walter Pinotti:

Na qualidade de responsável pela equipe do tratamento a que está sendo submetido o excelentíssimo senhor presidente da República, dr. Tancredo Neves, julgo importante transmitir algumas informações que, somadas às já divulgadas em boletins médicos, conjuntamente com o prof. dr. João Batista Rezende Alves, venham melhor esclarecer a opinião pública sobre o seu quadro clínico e a terapêutica que está sendo aplicada.

É importante ressaltar que, na noite de 14 de março, o senhor presidente Tancredo Neves foi internado no Hospital de Base de Brasília e submetido à primeira intervenção cirúrgica em caráter de urgência, pelo dr. Francisco Pinheiro da Rocha, para tratar de complicação aguda de afecção do intestino delgado, de caráter benigno, comprovando-se já haver infecção concomitante.

No dia 20 de março, devido a problemas pós-operatórios, o senhor presidente foi reoperado, sob nossa responsabilidade, com a participação do dr. Pinheiro da Rocha e do prof. João Batista Rezende Alves. Nesta intervenção foi realizada secção de aderências intestinais, jejunostomia descompressiva e reconstrução da parede abdominal. O decorso desta segunda intervenção foi razoavelmente bom, a ponto de se ter aberto perspectivas de alta hospitalar. Todavia, um inesperado sangramento intestinal agudo e intenso exigiu, no dia 28 de março, a rápida remoção do paciente para São Paulo, o que foi possível devido ao empenho das autoridades governamentais.

Graças à eficiente ação do prof. Guilherme Rodrigues da Silva, superintendente do Hospital das Clínicas, e contando com a integral colaboração dos professores Flávio Pileggi e Adib Jatene, o senhor presidente foi internado no Instituto do Coração da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde se procurou, com maiores

recursos técnicos, esclarecer o preloso ponto da hemorragia. O diagnóstico cintilográfico foi realizado pelo dr. Edvaldo Camargo e o arteriográfico pelo dr. Sérgio Lima. Não surtiu efeito a tentativa de colir o sangramento através da injeção de medicamento diretamente na artéria sangrante ao nível do fêo distal.

O senhor presidente foi, então, reoperado sob anestesia geral, conduzida pelo prof. Ruy Gomide do Amaral. Foi identificada a presença de uma artéria sangrante ao nível da sutura intestinal praticada na primeira operação. Realizou-se a ressecção do segmento intestinal que incluía esta sutura. Ainda nesta intervenção foi notada a persistência da infecção na parede abdominal. A partir desta verificação, iniciou-se ampla e contínua investigação clínica e laboratorial da infecção, bem como do quadro imunológico, coordenada pelo prof. Vicente Amato Neto e sua equipe.

Observaram-se, assim, focos infecciosos com identificação das bactérias em catéter venoso, utilizado até então para reposição de líquidos e nutrientes, bem como em material colhido da incisão operatória. O senhor presidente vinha evoluindo bem desta intervenção em relação ao abdômen, sendo reintroduzida a alimentação oral no terceiro dia de pós-operatório, por ter havido movimentação intestinal.

No dia 2 de abril, devido a encarceramento irreduzível de alça intestinal consequente à hérnia inguinal esquerda de que era portador há cerca de 30 anos, o senhor presidente foi submetido a outra operação, observando-se nesta oportunidade que havia também pequena quantidade de pus no saco herniário, a despeito da intensa focura anterior de foco infeccioso através de metodologia apropriada.

Naqueles dias agravaram-se os sinais de infecção, caracterizados por crises de febre, aumento das freqüências cardíaca e respiratória, hipertensão arterial, vasoconstrição periférica e clamor. Na busca contínua de novos focos infecciosos foram repetidamente reali-

zados exames clínicos, laboratoriais, cintilográficos e ultra-sonográficos.

No dia 4 de abril, através de ultrasonografia, foram localizados, pelo dr. Oloivanni Cerri, dois abscessos abdominais, imediatamente drenados através de duas pequenas incisões cirúrgicas. Após esta intervenção, considerando-se as progressivas dificuldades em se manter respiração espontânea, houve necessidade de auxílio respiratório através de cânula orotraqueal e respirador artificial.

Dois dias depois, como persistissem os sinais da infecção bacterêmica,



OPAI'S REZA

foi realizada, por uma equipe especializada sob a responsabilidade do prof. Alvaro de Almeida Magalhães, no Instituto Central do Hospital das Clínicas, Departamento de Radiologia, uma tomografia computadorizada completa de um ultra-sonografia abdominal e cintilografia.

Os exames não permitiram a comprovação de novos focos infecciosos, tendo-se decidido prosseguir o tratamento clínico a que se submetia o senhor presidente, com vistas a combater o processo infeccioso.

A repetição das crises de bacteremia comprometeu o sistema respiratório do senhor presidente, tendo ocorri-

ANEXO DO TRABALHO (CONT.)

do apreciável infiltração líquida Inter-
Ucual pulmonar.

No dia 9 de abril, pela necessidade da manutenção prolongada de ventilação pulmonar artificial, praticou-se uma traqueostomia sob anestesia local, no intuito de facilitar a limpeza das vias respiratórias e melhorar a função pulmonar, bem como conferir ao paciente maior conforto e mobilidade.

No dia 11 de abril, após ter passado 44 horas sem ocorrências febris, o que denotaria a regressão do processo infeccioso, voltou o senhor presidente e apresentar manifestação de infecção.

Como os exames citológicos e de ultrassonografia que vinham sendo processados diariamente não deram à equipe médica indicações precisas quanto à localização de novos focos infecciosos, baseados em critérios clínicos e no conjunto de exames laboratoriais, foi decidida a realização de intervenção cirúrgica no dia 11 de abril para revisão e limpeza da cavidade abdominal.

Foram encontrados e drenados três pequenos abscessos localizados profundamente no abdome. Ao mesmo tempo, procedeu-se a ampla ressecção dos tecidos infectados da parede abdominal, tendo sido colocada uma prótese de material plástico para proteger a cavidade peritoneal e facilitar a cicatrização da parede.

No que concerne às infecções, resumidamente deve ser esclarecido que o paciente, ao chegar a São Paulo, apresentava candidíase do trato digestivo alto, foco pneumônico em regressão e infecção na área da incisão cirúrgica.

Nos abscessos encontrados, estavam presentes três tipos de micro-organismos (*Enterobacter cloacae*, *Actinomyces israelii* e *Actinobacillus actinomycetemcomitans*) muito provavelmente participantes, ao lado de outros fatores, das crises de "bacteremia". A presença dessas bactérias documenta a origem intestinal (endógena) dosocos intrabdominais.

O permanente apoio bacteriológico e imunológico tem sido considerado eficaz.

Deve-se ressaltar que a história clínica corresponde à presença de infecção no organismo do senhor presidente vem de um período que, certamente, precede à primeira intervenção cirúrgica.

Considerando-se que o presidente era portador de uma infecção anterior, que agudamente se complicou pela formação de um abscesso, a primeira operação foi classificada como "infectada". Isto marcou o desenvolvimento de novos focos de infecção, a despeito de todos os cuidados técnicos dispensados pelos colegas de Brasília.

Por outro lado, entretanto, além da infecção endógena, não se pode afastar a possibilidade do agravamento do processo por superposição de infecção hospitalar que pode ocorrer em qualquer hospital do Brasil ou do Exterior.

E parecer de nossa equipe que a infecção originária tenha sido agravada pelos seguintes fatores de risco:

- 1) retardo na internação hospitalar do paciente;
- 2) circunstâncias ligadas à sua idade;
- 3) episódio hemorrágico que contribuiu para debilitar seu organismo.

Em função dos repetidos surtos de bacteremia e da necessidade de restrição hídrica, para a recuperação pulmonar, os fins do paciente passaram a sofrer consequências que têm exigido adoção de medidas terapêuticas rigorosas, tais como hemodíalise e ultrafiltração, realizadas pela equipe de nefrologia do Hospital das Clínicas, sob a responsabilidade do prof. Marcelo Marcondes.

Tem sido necessária a contribuição valiosa de vários departamentos do complexo hospitalar da Faculdade de Medicina da USP, ressaltando-se a atuação dos colegas da Clínica Cirúrgica do Aparelho Digestivo, sob nossa chefia, e das equipes de urologia, vascular periférica, neurologia, bem como de cardiologia, pneumologia, anestesiologia e de cuidados intensivos do Instituto do Coração.

A equipe médica vem trabalhando

em tempo integral juntamente com enfermeiras, fisioterapeutas, nutricionistas, laboratoristas e psicólogas, todos agindo de maneira harmônica e em alto nível de dedicação e consciência das elevadas responsabilidades assumidas.

Por outro lado, os recursos técnicos do Instituto do Coração e do Hospital das Clínicas, equiparáveis aos que existem de mais moderno e sofisticado em todo o mundo, vêm sendo acionados pelas equipes dentro dos mais elevados padrões éticos e operacionais.

Em tempos relativamente recentes, a medicina não dispunha de recursos cirúrgicos e terapêuticos para enfrentar, com possibilidade de êxito, quadros complexos, como o que atingiu o senhor presidente Tancredo Neves.

Graças aos grandes progressos da medicina, da terapêutica, dos métodos cirúrgicos e dos equipamentos, o senhor presidente resistiu, embora em um quadro grave que, apesar das dificuldades conhecidas, ainda apresenta perspectivas de cura.

Os exames de avaliação clínica permitem afirmar que suas funções neurológicas estão preservadas, podendo se dizer que, neste sentido, não se esperam sequelas.

Não existem indícios de lesões irreversíveis em quaisquer órgãos.

O processo de sedação possibilita que o presidente Tancredo Neves enfrente estes momentos sem sofrer dor.

Não se pretende, porém, diminuir a gravidade do momento.

Estamos, todos os companheiros da equipe, com o apoio da família Tancredo Neves, buscando a difícil, mas sempre possível, recuperação do paciente.

É importante, no entanto, deixar claro a opinião pública que não podemos esperar resultados rápidos. O que temos pela frente vai possivelmente exigir um período prolongado e delicado de tratamento.

E, pois, nosso dever persistir, obstinadamente, com todo o empenho, na busca da plena cura do presidente Tancredo Neves.

AS QUESTÕES TEÓRICAS DA TRADUÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO DO LOGOCENTRISMO: ALGUMAS REFLEXÕES*

ROSEMARY ARROJO (Universidade Estadual de Campinas)

A lógica também depende de pressupostos aos quais nada corresponde no mundo real; depende, por exemplo, do pressuposto de que existem coisas idênticas, de que a mesma coisa é idêntica em diferentes pontos do tempo. Apesar disso, essa ciência passou a existir a partir da crença oposta (de que tais condições realmente ocorrem no mundo real). O mesmo se passa com a matemática, que certamente não teria sido iniciada se se soubesse desde o princípio que não há, na natureza, nenhuma linha exatamente reta, nenhum círculo verdadeiro, nenhuma magnitude absoluta.

Humano, Demasiado Humano
Friedrich Nietzsche

ABSTRACT — There is a widespread notion among theorists of translation that even after twenty centuries of comments and reflections on the issue, "the number of original, significant ideas in the subject remains very meager", as George Steiner puts it. This apparent deadlock — which has prompted a good number of authors to consider the theoretical impossibility of the translator's activity — is not, as I argue, due to some insoluble difficulty peculiar to translation. The difficulty — or, rather, the impossibility — of finding definite answers to the questions posed by most theorists lies precisely

(* Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa patrocinado pelo CNPq (ref. 304543-89.6).